

“TODOS OS ADEUSES A TODOS OS DEUSES DA TORTURA E DA TIRANIA”: RESISTÊNCIA E TESTEMUNHO NA POESIA DE RENATA PALLOTTINI

MARIANA LINK MARTINS¹; CLÁUDIA LORENA VOUTO DA FONSECA²

¹Universidade Federal de Pelotas – marianalinkk@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fONSECA.claudiaLORENA@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Renata Pallottini foi uma figura importante no cenário da resistência cultural à ditadura civil-militar brasileira (1964 - 1985). Transitando entre a dramaturgia e a poesia, durante a década de setenta, a escritora teve peças teatrais censuradas, bem como a leitura dos seus poemas em espaços públicos, proibida. Mesmo assim, sua produção foi reconhecida tanto pela imprensa alternativa – aquela de oposição ao regime militar –, como pelos grandes veículos de comunicação da época. A diferença é que nestes eram debatidas suas obras não consideradas engajadas, como as telenovelas e as minisséries, enquanto os periódicos alternativos preocupavam-se em dialogar com a sua produção de resistência, sobretudo com seus poemas. Duas marcantes revistas do período, *Escrita* (1975 – 1988) e *Versus* (1975 – 1979), por exemplo, publicaram sua poesia como referência literária da época.

No entanto, e embora a obra poética escrita por Pallottini possa ser considerada uma literatura de testemunho, já que apresenta experiências traumáticas sobre um período autoritário de extrema violência (SELIGMANN-SILVA, 2003), até o momento não há estudos que a retome em ampla investigação. Conforme elucida SALGUEIRO (2013), essa noção pode ser explicada pelo fato de que os pesquisadores têm preferência pela prosa de testemunho, pois a peculiaridade do discurso lírico,

altamente subjetivo, iria de encontro ao pressuposto básico do testemunho, ou seja, o grau de cumplicidade entre (a) aquele que fala – a testemunha e/ou sobrevivente; (b) aquilo de que se fala – a violência, a catástrofe, o evento-limite; e (c) a coletividade representada – vítimas e oprimidos (SALGUEIRO, 2013, p. 38).

SELIGMANN-SILVA (2003), contudo, entende que a literatura de teor testemunhal retrata experiências de extrema violência, mesmo que o trauma seja apresentado a partir da esfera individual. GINZBURG (2015), em diálogo com Seligmann-Silva, afirma que o testemunho não se restringe a uma escrita direta, isenta de recursos linguísticos. De fato, o estético também cumpre um papel ético (SELIGMANN-SILVA, 2003), uma vez que, se os recursos de estilização literária constroem um discurso contrário ao hegemônico, “o valor ético da narração pode justificar a incorporação de componentes artísticos” (GINZBURG, 2015, p. 6).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a poesia de resistência de Renata Pallottini, levando em consideração seu caráter testemunhal, visto que sua escrita corrobora com as noções elencadas anteriormente. A análise terá como foco a obra *Coração Americano*, lançada pela primeira vez em 1976.

2. METODOLOGIA

A metodologia consiste em uma análise qualitativa, a partir de uma investigação bibliográfica acerca da literatura de testemunho e de resistência, especialmente as discussões que comprovam o teor testemunhal da poesia, a fim de embasar teoricamente a leitura da obra *Coração Americano* (1995), da escritora Renata Pallottini.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Coração Americano (1995) começa com uma epígrafe. Uma frase da música *San Vicente* (1972), composta por Fernando Brant e Milton Nascimento: “Coração Americano / um sabor de vidro e corte”. Assim como a canção¹, a obra de Renata Pallottini retrata a América Latina da época, atravessada por regimes autoritários e, portanto, pelo medo. Já no primeiro poema do livro, o qual possui o mesmo título – “Coração Americano” –, é possível observar como o eu-lírico expressa o peso que é viver com medo, por isso pede ao Senhor “qualquer coisa menos isto que agora calados somos: / gente com medo” (PALLOTTINI, 1995, p. 196).

Na parte inicial da sua reunião de poemas, intitulada *Obra Poética* (1995), a escritora afirma que *Coração Americano* é resultado de suas viagens pelo continente americano. É por isso que, no decorrer da leitura, percebe-se a influência cultural de países como Colômbia, Paraguai e Peru. Para exemplificar, menciona-se “Guarânia”, o qual apropria-se do estilo musical paraguaio lento e dramático para, assim, produzir um retrato do país que, desde 1954, era governado por uma sangrenta ditadura. A voz poética comove-se com as vidas roubadas de crianças e indígenas do país e da fronteira com o Paraná, e clama: “mate esse ditador!” (PALLOTTINI, 1995, p. 200).

Já sobre os textos que tratam especificamente acerca de episódios relacionados ao regime militar brasileiro, é essencial atentar-se para o “Poema da rua Maria Antônia”, o qual é um testemunho da famosa Batalha da Maria Antônia, um confronto, em 1968, entre estudantes de duas universidades localizadas na mesma rua, na região central da capital paulista, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) e a Universidade Presbiteriana Mackenzie. O enfrentamento se deu por divergências políticas, uma vez que o campus da Mackenzie abrigava o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e a FFCL era palco do movimento estudantil de oposição à ditadura. Com tiros, bombas caseiras e rojões, a violência do confronto foi sem precedentes, ocasionando a morte de um estudante, José Carlos Guimarães. No poema de Pallottini, o eu lírico narra:

Por sobre o muro
voam bombas e garrafas incendiadas
pedras agudas e palavras duras. [...]
esta é a guerra das guerras
guerra civil dos que foram amigos.
Por sobre o muro
espio com espanto o pátio incendiado
os jovens que se atingem entre lágrimas
os feridos e os gestos e os detalhes.
(PALLOTTINI, 1995, p. 206)

¹ Para uma análise da música ver: S. S. LIMA REZENDE, G.; CASTRO DINIZ, S. A esperança velada: o lírico e o épico em “San Vicente”. *ArtCultura*, v. 24, n. 45, p. 95–111, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/68257>.

Na época do conflito, Pallottini tinha iniciado sua carreira como professora na Escola de Comunicações e Artes, no Departamento de Teatro da USP. O seu texto revela, então, a sua própria realidade, pelo menos em relação à presença no âmbito universitário. Em determinada parte do poema, conforme observa-se no trecho anterior, é citado o incêndio no prédio da USP. Além disso, a morte do estudante José também é relatada nos versos a seguir: “Subversivo e perverso / morre um jovem na rua. / Uma bala varou seu crânio perigoso / e seus braços, que ameaçavam a paz / estão inertes” (PALLOTTINI, 1995, p. 208). Ainda no mesmo poema, o eu lírico se coloca como testemunha dessa guerra, elucidando o seu papel de escrever sobre essa barbárie.

Não penseis que é prazer testemunhar o amargo,
ser portador de tristes novas, ser o pulso
onde bate todo o sangue derramado.
Não penseis que há conforto em ver o mundo
terrivelmente aberto em duas metades.
(PALLOTTINI, 1995, p. 207-208).

Outro poema significativo é “Mensagem”. Nesse, a voz poética também narra as atrocidades daquele tempo inacabável, implorando ao seu filho que conte, no futuro, o que realmente foram os anos de chumbo. Ao pedir que suas palavras sejam inscritas na história, ela expõe a importância do registro da memória, de como o lembrar, pelas gerações futuras, pode significar liberdade.

Conta ao teu filho, meu filho,
daquilo que nós passamos;
que havia fitas gravadas,
retratos de corpo inteiro.
Conta que nos encolhemos
como animais espancados;
que respirávamos baixo,
olhos fugindo dos olhos,
as mãos frias e suadas. [...]
deixa inscritos como eu deixo
sinais em troncos de árvores,
letras em papéis esquivos
para que não escureça
esta lâmpada mesquinha [...]
Conta a quem possas, meu filho;
o que em ti forem palavras
nos outros serão raízes.
(PALLOTTINI, 1995, p. 202)

Em *Lembrar escrever esquecer* (2006), GAGNEBIN observa, ao refletir sobre alguns pensamentos de Benjamin e Adorno, que é necessária a criação de estratégias de preservação da história e de mecanismos de lembranças. Contudo, o objetivo de elaborar sobre o passado não é cultuá-lo e sim produzir um esclarecimento acerca de suas circunstâncias. No caso de eventos traumáticos e cruéis – tal como as ditaduras militares latino-americanas – lembrar é um ato político, afirma Gagnebin, uma vez que “lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)” (GAGNEBIN, 2006, p. 47).

A literatura é uma das mais significativas estratégias de revisitação ao passado, bem como da conservação de suas memórias. Conforme FRANCO

(2003), a arte, e logo a literatura, em tempos catastróficos ou pós-catastróficos tem o dever ético de expressar uma radical indignação frente ao horror, além de produzir manifestações com o propósito de combater o esquecimento e também o recalque, desempenhando, desta forma, um exercício de esclarecimento, tal como propôs GAGNEBIN (2006). É legítimo afirmar, a partir das breves análises elencadas neste trabalho, que Renata Pallottini assume a tarefa fundamental de que fala FRANCO (2003): nega o esquecimento e contesta a história oficial, uma vez que, além de dar seu testemunho sobre os anos sombrios da ditadura civil-militar, ainda contempla a importância da preservação da memória coletiva.

4. CONCLUSÕES

Em *Coração Americano* (1995), Renata Pallottini constrói uma poesia de testemunho e de resistência, caracterizada por uma lírica que reflete acerca da opressão e da luta pela democracia no momento mais repressivo da ditadura civil-militar brasileira: os terríveis anos de chumbo (1968 - 1974). Não é à toa que a leitura pública dos poemas analisados ao longo deste trabalho foi proibida até 1979 (PALLOTTINI, 1995).

Sendo assim, conclui-se que o teor testemunhal de que fala SELIGMANN-SILVA (2003) é encontrado na poesia de Pallottini, pois a escritora apropria-se da estética por uma perspectiva ética, buscando registrar suas memórias, para que a barbárie que foi obrigada a testemunhar não se repita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO, R. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **História, memória, literatura**. Campinas: Unicamp, 2003.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GINZBURG, J. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. **Revista Conexão Letras**, v. 3, n. 3, 2015.

PALLOTTINI, R. *Coração Americano* [1976]. In: _____. **Obra Poética**. São Paulo: Hucitec, 1995.

SALGUEIRO, W. Poesia de testemunho (com doses de humor): Alex Polari, Glauco Mattoso, Leila Mícolis e Jocenir. **Signótica**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 35–50, 2013.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: _____.(Org.). **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.